



ISSN: 2176-5960

Προμηθεύς

Journal of Philosophy

n. 41, Janeiro-Abril 23



RESENHA CRÍTICA AO LIVRO “SOBRE *LOSERS*: FRACASSO, IMPOTÊNCIA E AFETOS NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO”, DE ÉRICO ANDRADE. CURITIBA: EDITORA CRV (2019)

Marcos Silva (UFPE)

É importante sempre estar a par do que Érico Andrade está fazendo. Sua pesquisa, apesar de não ser central para a minha, é seminal para refletir sobre ideias e problemas contemporâneos na política, na antropologia e na história da filosofia.guardo os novos trabalhos de Andrade para tentar entender o meu tempo e a mim mesmo. Por que tanta pressa em nossa geração? Por que há a impressão de não poder perder nenhuma oportunidade? Por que parecemos precisar ter o máximo de atenção o tempo todo? Por que entregar o máximo de resultado em menor tempo? Por que sendo mais e mais eficientes sentimos o tempo esvaindo mais e mais? E por que alguns entregam o dobro para conseguir apenas metade (se conseguirem alguma coisa)?

O livro de Andrade, como outros de seus trabalhos, coloca-se de maneira transversal na história da filosofia para responder a essas perguntas unindo visões diferentes de autores muitas vezes em litígio, integrando tradições conflitantes, sem desqualificar dissensos, mas sempre desenvolvendo pontos ousados de convergência entre autores tão variados quanto Marx, Freud, Heidegger e Ponty, de um lado, e Quine, Rorty, Wittgenstein, de outro.

Em “*Losers*”, Andrade pretende apresentar uma crítica original ao capitalismo, mobilizando uma análise do sistema de produção capitalista que seja independente do marxismo, uma vez que acredita que, apesar de Marx, “as contradições do capitalismo permanecem”. O autor segue em sua análise: “(...) O capitalismo, a despeito da vontade de alguns profetas do seu fim, dentre os quais o próprio Marx, continua forte e vigoroso. Pode-se desconfiar, em termos teóricos, que a crítica ao capitalismo, por mais exaustiva que seja, ainda não foi o suficiente, pelo menos, para apresentar todas as suas contradições e as razões pelas quais essas contradições não encontram no curto horizonte de tempo qualquer indício de que serão superadas para darem lugar a outra forma de organização econômica, política e social.” (p. 13).

Para um novo caminho crítico ao capitalismo, Andrade mobiliza o conceito de vontade de poder de Nietzsche e o articula com a demanda contemporânea de controle, ou hipercontrole, que, no capitalismo, se converte na demanda permanente do empoderamento do indivíduo, obrigatoriamente senhor de si e independente de outros.

Andrade, então, tece uma crítica ontológica existencial, com forte vocabulário heideggeriano, ao liberalismo e ao indivíduo do liberalismo a partir de seus pressupostos nocivos, como a ênfase nos conceitos de “senhor de si”, autonomia e empoderamento. Isso tem como consequência, segundo o autor, tornar o tempo uma mercadoria, redundando irremediavelmente em culpa individual e nociva em função da impossibilidade existencial de controlar o tempo. Segundo Andrade, há, no capitalismo, uma sedução pela vontade de controle análoga à vontade de poder proposta por Nietzsche (p. 14). Neste contexto, devo ressaltar que senti falta da obra de Byung-Chul Han, especialmente nas suas profícuas críticas ao sujeito e sociedade contemporâneos e ao estado avançado do capitalismo, uma vez que Andrade se utiliza ostensivamente de conceitos de Nietzsche e Heidegger.

De fato, a tese de “*Losers*” é a existência de um limite antropológico-existencial ao controle da vida preconizado pelo capitalismo. Andrade afirma: “o capitalismo apropriou-se de uma vontade, que também é desejo, de dispor sobre o controle da existência, para lançar a ideia de uma antecipação dos fenômenos na forma do projeto de florescimento, por

meio do qual os indivíduos se reconhecem consigo mesmos, guardam uma identidade própria e sedimentada, e conseguem controlar o tempo, assujeitá-lo e torná-lo uma mercadoria.” (p.14-15).

Em resumo: Andrade defende que o indivíduo cômico de si mesmo e separado dos demais, próprio da tradição liberal, não é apenas uma ficção por toda a construção histórica, mas, sobretudo, porque ele é contrário à existência humana incontornavelmente vulnerável. O autor examina especialmente a questão da distinção numérica e temporal das pessoas, pressuposta pelo liberalismo, afirmando que ela não autoriza a leitura de que somos ontologicamente separados uns dos outros e nem impede a compreensão de que toda narrativa de si é “apenas uma possibilidade temporal de se referir singularmente a um emaranhado de diferentes possibilidades de narrativas de si; incapazes de formar uma identidade.” (p. 31). Outro ponto importante é o da vulnerabilidade constitutiva do ser humano. Segundo o autor, isso é “exposto na nossa disposição estrutural para a acidentalidade.” (p. 32), e não poderia ser superado pelo empoderamento, por meio do qual o capitalismo seduz, de acordo com ele, pela vontade de poder com a promessa do controle, de subjugar tudo à determinação do indivíduo.

Assim, explica Andrade: “As promessas do capitalismo esbarram em limites existenciais do ser humano e fomentam um colapso existencial do indivíduo que, ao invés de reconhecer na impossibilidade de controlar o tempo a sua impotência, o espelho da nossa condição, faz dela um reflexo de uma mazela pessoal, de uma demissão de si, alçada na figura do *loser*.” (p. 16).

Para esse percurso argumentativo, o capítulo I de “*Losers*” trata de uma crítica ao liberalismo como um tipo de egoísmo racional que pressupõe a permanência do indivíduo através da ênfase na liberdade como autonomia e na procura racional pelo interesse individual. Essas características seriam difíceis de coadunar com as injustiças próprias do capitalismo. Vemos que o liberal frequentemente expõe questões como uma grande falácia naturalista. Naturaliza-se o que é construção. Pensa-se na natureza, onde há história. Assim, normalizam-se as práticas, as relações de poder através dos princípios abstratos da

igualdade jurídica e da igualdade de oportunidades, por exemplo. Já o capítulo II versa sobre a impossibilidade antropológica existencial do pleno controle e da desconstrução da subjetividade. O tema da universalidade e da singularidade é central para entender o problema do tempo e da não-substancialidade do indivíduo, segundo Andrade. Ele defende: “Somos apenas singularidades, um ponto de referência narrativo que flutua sobre o terreno da acidentalidade e da irreversibilidade da existência sem qualquer compromisso ontológico com uma referência fixa de si mesmo, uma identidade, por assim dizer. Essa existência singular e conectada às demais existências no mundo que somos compõem um tecido complexo que não se deixa controlar e cuja plasticidade nos leva sempre para o imponderável. Nesse contexto, a planificação de si e o controle total do tempo, condições ontológicas para a compreensão do indivíduo como empreendedor de si mesmo no capitalismo, compõem juntas uma só ilusão: a do pleno controle.” (p. 17). Contudo, acredito que há distinções importantes entre essa visão liberal que substancializa o indivíduo e o pleno controle, como veremos abaixo.

O capítulo III examina a origem da culpa individual, da inação e do cansaço (também temas centrais para o ausente Han). Segundo Andrade, essas não seriam consequências da exploração e da não-consciência de classe. Sua tese é simples, mas poderosa: a crítica ontológica existencial, o caráter existencial do tempo implica uma fragilidade, acidentalidade e vulnerabilidade constituintes do ser humano. Isso, por seu turno, redundaria na falência do empoderamento marcado pela vontade de controle. No capítulo III, Andrade critica a retórica “Você não chegou lá porque não se esforçou o suficiente” pela via existencial do tempo, e não pelas críticas usuais contra o neoliberalismo patrocinando a exploração de indivíduos, em que o capitalismo precisa de pessoas desesperadas e desempregadas para existir e extrair a mais-valia dos trabalhadores e conduzi-las aos seus bilionários, donos dos meios de produção.

Nesse contexto, acredito que Andrade negligencia ao menos um ponto em sua crítica ao capitalismo, em que chega a defender o desempoderamento de indivíduos que deveriam aceitar a sua vulnerabilidade à maneira de um *amor fati* político. O que o autor parece não contemplar é que não é preciso ser liberal e branco europeu para enfatizar a

necessidade de disciplina e autocontrole na vida. A auto disciplina de indivíduos é importante para inúmeros projetos, desde a escrita de um livro a atos anticapitalistas. Para a pedagogia, em especial, disciplina e autonomia são fundamentais no processo de aprendizado: saber que o resultado de nossas atividades tem relação direta com o esforço que empreendemos para realizá-la. Disciplina e autocontrole também são importantes na formação da personalidade e na maturidade de um indivíduo que, provavelmente, se perderá em atividades que requerem responsabilidade e que não necessariamente são capitalistas.

Aliás, o próprio ideal de autodisciplina e controle não é capitalista. Revolucionários comunistas, grandes opositores do mundo liberal, também precisaram de disciplina e autocontrole em revoluções na Ásia, na África e na América Latina ao longo do século XX, por exemplo. Além disso, a ênfase em disciplina não precisa ser uma ideia europeia. Considere tradições milenares como a doutrina budista ou a yoga: elas apresentam técnicas muito antigas, com benefícios psicológicos e físicos, a partir do cultivo da disciplina. Aliás, autoconhecimento frequentemente significa algum tipo de controle, retenção dos sentidos e observação de afetos como método e resultado. Ter saúde mental também requer e resulta em formas de autonomia, e muitas vezes envolve tomada de decisões. O capital coopta tudo, nós sabemos. Infelizmente, o capitalismo transformou essas tradições em mercadorias de *mindfulness* e conjunto de técnicas para tornar-se um CEO mais eficiente. Todavia, não precisamos jogar o bebê fora com a água do banho. Disciplina e controle são importantes, independentemente do liberalismo. É possível prescindir do capitalismo sem prescindir de autonomia e autodisciplina. Essas são fundamentais, eu diria, especialmente para qualquer perspectiva revolucionária para a ruptura com o capitalismo. Me pergunto como poderíamos avançar de fato na resistência ao avanço do neoliberalismo como indivíduos singulares, mas sem uma identidade, e desempoderados e aceitando nossa vulnerabilidade, como defende Andrade em “*Losers*”. Isso não poderia ter o efeito contrário, facilitando formas de recrudescimento da exploração do capitalismo sobre indivíduos desempoderados e indisciplinados? De fato, podemos ter indivíduos liberais sem disciplina e também indivíduos disciplinados fora do liberalismo.

Ademais, vale também observar que a discussão sobre a impotência prometida no título aparece, de maneira muito dispersa, apenas no terceiro capítulo de “*Losers*”. Quanto à distribuição de temas, me arrisco a dizer que há um desequilíbrio na obra de Andrade. Suporia-se que o tema do fracasso, da impotência e dos afetos, que aparecem no título e na introdução, apareceriam distribuídos e revisitados nos três capítulos, mas aparecem somente no último.

Outro ponto relevante: os capítulos 1 e 2, ainda que sejam tematicamente interessantes, parecem ser independentes, apesar da curta introdução do livro que os colige. Pelo estilo da escrita e do conteúdo das discussões, esses capítulos parecem ter sido escritos em momentos diferentes da reflexão do autor. Por exemplo, no capítulo 2, sinto falta do diálogo com o que foi abordado no capítulo anterior, articulando as ideias de ambos os capítulos. A ligação entre os dois capítulos, apesar de interessante, ainda parece frágil sob o ponto de vista argumentativo. Acredito que isso seja devido a um problema pervasivo, digamos, de filósofos mais tradicionais: a falta de exemplos. Há alguns exemplos no capítulo 3 que ilustram desafios da biotecnologia e outros sobre filmes mostrando injustiças. Mas o livro “*Losers*” desenvolve-se de maneira muito abstrata, às vezes, partindo de questões bem gerais a respeito do liberalismo e da condição humana que encontram poucas ilustrações diretas no particular através do texto. Obviamente o leitor se vê procurando exemplos em sua vida para ilustrar a discussão de Andrade sobre questões como a identidade pessoal. Entretanto, nessa discussão, tive dificuldade em entender a relação de Freud no exame da singularidade com a discussão anterior sobre a antropologia do liberalismo. Parecem, pois, trabalhos independentes. Em nenhum momento, se não me engano, fala-se de *loser* e de capitalismo no segundo capítulo, por exemplo.

Outro ponto digno de nota: sob o ponto de vista filosófico, Andrade parece fazer uma distinção pouco refletida entre forma de vida e mundo orgânico (p. 35 e p. 15). O uso de forma de vida do autor não está claro para o leitor. O conceito de Wittgenstein já deveria ter embutido o social e o natural. As consequências do uso de forma de vida no plural ou no singular tampouco são problematizadas. O uso no singular, como na página 46, parece equivaler forma de vida a seres humanos, mas também é possível ter formas de vida não

humanas. Isso parece denotar uma visão excessivamente antropocêntrica do conceito de forma de vida em Andrade, talvez ecoando o *Dasein* Heideggeriano. Há um outro ponto de uso inusitado da filosofia de Wittgenstein em “*Losers*”. Curiosamente, o *Tractatus* e o princípio de ambivalência (provavelmente Andrade queria dizer "bivalência") aparecem no capítulo sobre identidade pessoal. Qual é o papel do *Tractatus* de Wittgenstein para uma crítica ao capitalismo? Desconheço autores liberais ou antiliberais que reivindiquem o *Tractatus* desta forma. Essa questão, apesar de interessante, é pouco desenvolvida.

Ademais, acredito que a discussão sobre identidade no segundo capítulo de “*Losers*” não é necessária nem suficiente para apresentar uma crítica ao capitalismo. O argumento de Andrade parece ser dedutivo. Ele afirma: “meu ponto é que os liberalismos possuem uma antropologia comum ou pelo menos comprometem-se com uma antropologia mínima em cujo centro repousa a compreensão de que o indivíduo pode se autodeterminar e constituir um projeto pessoal de autorrealização.” (p. 17). Mas se aceitarmos o liberalismo, como podemos derivar a existência do *loser*? A autodeterminação em si não é ruim; é, de fato, muitas vezes desejável, e tampouco é restrita ao capitalismo, como vimos. Assim, a relação do liberalismo com o fenômeno do *loser* não parece ser direta, como defende Andrade. Acredito que não é preciso dessubstancializar o sujeito para se opor ao capitalismo; bastaria termos a formação e promoção contínua de um sujeito revolucionário, mesmo substancializado, e mais cooperativo contra a narrativa hegemônica liberal. Após a leitura do livro de Andrade, a pergunta se mantém: como pode haver alguma ruptura com o capitalismo motivada por essa compreensão existencial da vulnerabilidade do sujeito sem identidade?

Não me parece clara também a distinção entre identidade e singularidade do autor. A tese própria de Andrade a respeito da necessidade de se ter uma narrativa de si para si para a singularidade implica uma intelectualização e uma antropomorfização excessivas da singularidade, a meu ver. Assim, podemos nos perguntar: seres humanos que sofreram algum acidente que limite a linguagem perdem sua singularidade porque deixaram de articular uma narrativa de si para si mesmo? Ou ainda: animais não humanos que não narram para si sobre si mesmos não teriam singularidade? Essa não parece ser a nossa

experiência, por exemplo, com animais domésticos. Nossos animais de estimação têm personalidade, sentimentos, afetos, diferem entre si consistentemente, pelo menos, em função de temperamento e hábitos. Provavelmente essa é uma característica pervasiva de mamíferos. Acho que é uma consequência da visão de Andrade que não poderiam ter singularidade ou identidade porque não articulam uma narrativa de si. Tenho minhas dúvidas em relação a uma visão que parece, por princípio, ter dificuldades de integrar o fenômeno humano com o animal, apesar da tentativa de naturalização da vontade de poder Nietzscheana feita por Andrade. A natureza não dá saltos. Andrade ainda não parece levar atenção ao fato de animais não humanos também serem vítimas do liberalismo, da modernidade e do capitalismo contemporâneo.

Assim, em seu livro de 2019, o leitor encontrará, mesmo que não concorde com algumas ideias de Andrade, diversos usos, menções e citações de filósofos analíticos, continentais, hermeneutas, existencialistas, psicanalistas, entre outros. Em Andrade, todos parecem ser ouvidos e debatidos, contribuindo generosamente para uma filosofia original, ensaística e radicalmente contemporânea.